

BETAR & ARTS CULTURAS



Pessoa

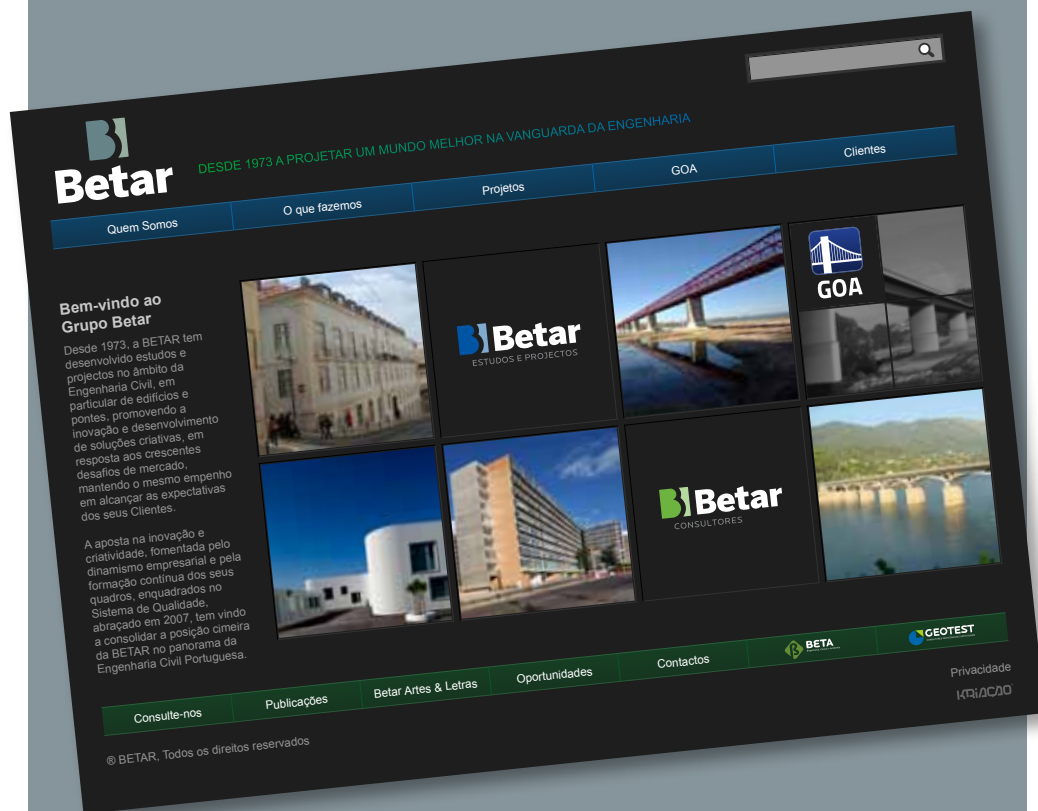
Plural Como o Universo, uma exposição que pretende mostrar toda a diversidade da obra do nosso grande poeta

B
Betar

ENTREVISTA
ARO.
JOSÉ FORJAZ

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



No mês em que se celebra o Dia Mundial do Teatro (27 de Março), para homenagear a arte da representação, elegemos as peças “Histórias do Bosque de Viena”, encenada por Tónan Quito, e “Dança de roda”, a partir de textos de Arthur Schnitzler, para que possa apreciar esta tão nobre forma de expressão artística.

Mas se as suas preferências vão para a música, saiba que James Morrison vem ao Coliseu dos Recreios; Ana Moura, Deolinda, Clã, Luísa Sobral, António Zambujo, Anaquim e Cuca Roseta cantam, no Campo Pequeno, para ajudar dezenas de crianças apoiadas pela Associação Novo Futuro; e ao CCB regressa o jazz, com Dose Dupla.

Ao nível das artes, não pode perder a exposição “Fernando Pessoa, plural como o universo”, na Gulbenkian, onde se apresenta a multiplicidade da obra do poeta português; ou a mostra “A Magia da Polaroid”, na Casa da Cerca, constituída por uma surpreendente coleção de sessenta modelos de máquinas fotográficas, de 1948 até 2010.

Fora de portas, há a feira de arte moderna e contemporânea, rebatizada este ano de “Art Paris Art Fair”, na capital francesa; e uma impressionante mostra, em Londres, com obras de Picasso, para apresentar a influência do pintor na arte britânica.

Quanto à entrevista, fomos virtualmente até Moçambique para falar com o arquiteto José Forjaz, que nos relata uma história de vida admirável.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘Sou internacionalista. Só assim se pode ser coerente com uma sociedade que se quer integrada entre si. Sinto-me arquiteto. Acho que a nossa pátria é onde trabalhamos.’

Palavras do
Arq. **José Forjaz**.
Por Cátia Teixeira



Obras no Salão de Banquetes da Presidência da República de Moçambique, em Maputo

Estudou em Lourenço Marques, Porto e Nova Iorque e trabalhou na Suazilândia e Botswana, antes de se instalar de vez em Moçambique. O que é que este percurso lhe deu e quais as principais diferenças entre Portugal e África?

Quando estava em Nova Iorque a tirar o master, o meu amigo Pancho Guedes entusiasmou-me a ficar com um escritório na Suazilândia. Então fui de Nova Iorque para Mbabane, uma cidade que tinha menos gente que o quarteirão onde eu morava. Mas isso só me deu a noção de que o mundo é todo igual, as pessoas são muito parecidas e as necessidades e os problemas são os mesmos. Não há diferença entre trabalhar em Mbabane ou em Nova Iorque a não ser para quem quer fazer uma carreira pública. Entre Portugal e África as diferenças são basicamente o momento histórico-cultural. Portugal é um país perfeitamente integrado na cultura universal. Não precisa de se afirmar, tem a sua identidade bem definida, joga nas esferas culturais, políticas, sociais e tecnológicas. África ainda não chegou lá. As pessoas precisam de



Edifício Epsilon 24, na Av. 24 de Julho em Maputo

fazer a chamada cultura da auto-estima, como se precisassem de partir da auto-estima para conseguir valores, em vez do contrário. E ainda há a questão da negritude, dos complexos. Portugal não vive esses complexos, não precisa de se auto-estimar e já se sabe autocriticar. África há-de lá chegar.

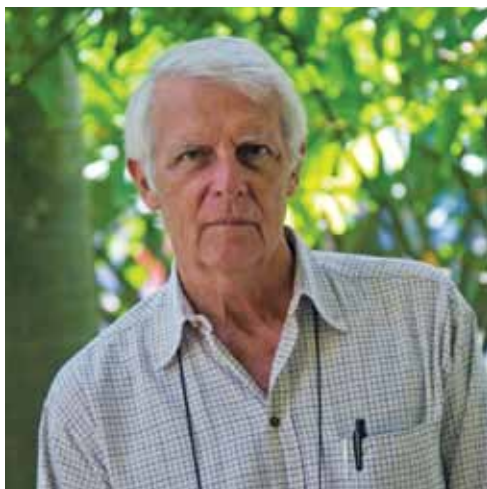
Moçambique tem muita arquitetura portuguesa mas, desde a independência, os edifícios têm sido pouco recuperados. Sabe porquê?

Sei, não há dinheiro. Não é que as pessoas não tenham vontade disso mas não há dinheiro para ter água ou eletricidade, logo, a classe média moçambicana não tem condições económicas que lhe permitam recuperar essas estruturas. Não há dinheiro para tapar os buracos das ruas, nem para pôr os elevadores a funcionar, para as pessoas não terem de subir 15 andares de escadas para ir trabalhar, quanto mais para reparar uma janela. O país é um dos mais pobres do mundo. O orçamento per capita de Moçambique é incomparavelmente menor que o de

Lisboa. Maputo tem um orçamento de cerca de quatro dólares por habitante, para gerir a cidade, enquanto Lisboa terá mais de mil.

O seu percurso é indissociável do exercício de uma cidadania interveniente. Como foi trabalhar para o Governo de Moçambique?

Ao viver num regime colonial fascista, desde muito jovem que senti que as coisas não estavam bem e as minhas associações emocionais e políticas eram, quase inevitavelmente, de esquerda. Havia três possibilidades: ser fascista, comunista ou católico progressista. Eu era, e sou, ateu portanto não me pareceu que fosse encontrar as respostas aí. A opção da esquerda era quase imposta porque era a única que lutava contra um regime injusto e totalitário. Por razões várias, fiz algum trabalho que foi apreciado em África e a certa altura juntei-me ao movimento de libertação de Moçambique. Já depois do 25 de Abril, fui convidado a voltar para Moçambique para ajudar a construir o país. Era um convite irrecusável porque havia ligações emocionais



ENTREVISTA

muito fortes e acabou por ser um trabalho de espantosa compensação que continua a deixar-me dormir bem todas as noites.

O que tem a dizer acerca do convite de Kofi Annan para realizar o projeto da sua casa em Accra, no Gana?

Não há muito a dizer. Quando ele veio a Moçambique, pela primeira vez, ficou alojado numa casa que eu tinha desenhado. O Governo tinha-me pedido que desenhasse umas casas para alojar os presidentes dos países visitantes que se reuniam cá de vez em quando. Eu desenhei e foram construídas quatro casas para esse efeito. O Kofi Annan ficou numa e, como gostou muito, quando pensou em fazer uma casa para ele mandou dizer que queria aquele arquiteto para a projetar. Foi assim que aconteceu. Tive hipóteses de estar com ele várias vezes, é uma pessoa de grandes qualidades humanas e por isso foi um prazer trabalhar para ele.

José Mendonça escreveu na *Artes&Letras*, a propósito da sua exposição “Ideias e Projetos”, que o arq. José Forjaz “é considerado, por muitos, um marco da arquitetura portuguesa”. Sente-se reconhecido em Portugal?

Acho que sim. Tenho sido convidado para fazer exposições e conferências; este mês foi publicado um livro sobre uma conferência que dei para a Universidade do Minho; a Ordem dos Arquitetos fez-me membro honorário; e ainda semana passada um amigo enviou-me um e-mail a dizer que tinha feito uma palestra sobre mim na Universidade de Aveiro. Portanto não tenho a sensação de estar esquecido, pelo menos pelas pessoas que interessam. Tenho pena de nunca ter feito uma palestra na Escola de Belas Artes do Porto, onde me formei, mas percebo que são



Salão de Banquetes da Presidência da República de Moçambique, em Maputo

aspectos circunstanciais. Sinto-me reconfortado com tudo o que me têm feito em Portugal. E espero não ser tomado como um heroizinho da moda, que é um mal que afeta a arquitetura mundial. É um culto perigoso porque os arquitetos mais jovens só querem ser conhecidos. Pensa-se que se é muito conhecido é porque é bom arquiteto, mas eu desconfio que se é muito conhecido deve ser mau arquiteto.

Sente-se mais português ou moçambicano?

Eu não sou patriota, sou cada vez mais internacionalista. Acho que só assim se pode ser coerente com uma sociedade que se quer integrada entre si e que tem de eliminar as barreiras de ordem política, económica e social. Os ecossistemas não respeitam estas fronteiras portanto não há razão para separar os homens. Eu sou antinacionalista e estou convencido de que essas divisões são artifícios negativos, contraproducentes e estão fora de época. Desde a evolução tecnológica, sobretudo, são cada vez mais erradas. Sou capaz de cantar o hino nacional mas não me sinto ligado a isso. Sinto-me cada vez mais arquiteto. Trabalhei em vários países e depois de lá estar, nem que fossem só três semanas, achava que podia perfeitamente lá viver. Eu acho que a nossa pátria é onde trabalhamos. Sou um cidadão do mundo.

TEATRO

27 de Março é o Dia Mundial do Teatro. Por todo o lado se homenageia a arte da representação. Faça também um tributo a esta forma de expressão tão singular e assista a uma peça



Histórias do Bosque de Viena

“Histórias do Bosque de Viena” é uma das obras mais famosas do autor austro-húngaro Ödön von Horváth. A peça subverte o género (normalmente inofensivo), para formular uma crítica mordaz à comunidade burguesa intolerante, egoísta e mesquinha, num tempo de profunda crise económica e desemprego generalizado. Tendo como pano de fundo o som das valsas de Strauss, o autor conta a história de Mariana, uma jovem rapariga ingénua, filha do dono da loja de brinquedos, que quebra o noivado com o talhante Óscar, depois de se ter apaixonado por Alfredo, um jogador e parasita sem vontade própria, que tem uma relação com Valéria, dona da tabacaria que fica na mesma rua. Numa comunidade que escolhe a estupidez, a mentira e a ignorância como caminho.

Teatro Maria Matos

Data: De 17 a 27 de Março

Preço: Normal €14 Com desconto €7

Encenação: Tónan Quito

Interpretação: Simão Costa, Anton Skrzypiciel, Cláudia Gaiolas, Joana Bárcia, Joaquim Horta, Paula Diogo, Paula Só, Pedro Lacerda, Raul Oliveira, Ruben Tiago e Tónan Quito



Dança de roda

Em “Dança de roda”, Arthur Schnitzler quis levar a palco a roda-viva das relações instáveis e permissivas entre homens e mulheres, numa frenética dança de casais, com pares que se formam e desfazem de cena para cena, abordando de forma surpreendente as teorizações de Freud acerca dos impulsos sexuais e dos jogos de poder. Em 1920, a publicação da peça, com tal abordagem das relações sentimentais, chocou a sociedade vienense, causando grande controvérsia, tal como a sua primeira representação, levando a que, no ano seguinte, um tribunal de Berlim a considerasse ofensiva da moral pública e fosse proibida. Hoje, numa sociedade bem menos conservadora, a peça traz-nos exemplos das relações atuais, embora o texto tenha sido feito à imagem da sociedade do século passado.

Teatro Municipal de Almada

Data: De 15 de Março a 1 de Abril

Preço: €15

Encenação: Rodrigo Francisco

Interpretação: Ana Cris, André Gomes, Bartolomeu Paes, Catarina Campos Costa, João Farraia, Joana Francampos, Joana Hilário, Miguel Martins, Pedro Walter e Vera Barreto

Dias depois dos Óscares falamos de filmes vencedores. “O Artista” arrebatou as categorias de melhor filme, ator e realizador e “A invenção de Hugo” ganhou outras cinco estatuetas. Por José Mendonça

NO GRANDE ECRÃ

O Artista

O grande vencedor dos Óscares



Título Original: The Artist
De: Michel Hazanavicius
Com: Bérénice Bejo, Jean Dujardin, John Goodman e Penelope Ann Miller
Género: Comédia
Classificação: M/12
França, 2011, 100min
Sala: UCI

No fim do cinema mudo, 1927, o astro George Valentin começa a temer a chegada do som, recusa-se a fazer cinema sonoro e mantém-se agarrado ao mudo.

É um bom bailarino e conhece uma jovem que mete no cinema. Ela entra sem grande problema no cinema sonoro e rapidamente é uma estrela de primeira grandeza.

Ao contrário, ele vai caindo pois ninguém quer fazer cinema mudo e o mudo não pode competir com o sonoro.

Rapidamente ele vai caindo como actor pois o mudo está morto pelo sonoro.

A certa altura e depois de recusar os apelos da jovem estrela para fazer cinema (sonoro) ele acaba por ver no suicídio solução para o seu problema.

Na sequência final ela guia desenfadadamente ao encontro dele que está com uma pistola na boca. Ao encontrarem-se, caem nos braços um do outro e vão fazer um filme juntos.

É um final feliz.

A Invenção de Hugo

O mais nomeado pela Academia



Título Original: Hugo
De: Martin Scorsese
Com: Asa Butterfield, Ben Kingsley, Chloe Moretz, Jude Law, Michael Pitt, Sacha Baron Cohen
Género: Ação/Aventura
Classificação: M/12
EUA, 2011, 126min
Sala: UCI

Martin Scorsese realizou a história de um miúdo que vive nas paredes de uma estação de comboios de Paris.

Com a ajuda de uma rapariga excêntrica ele procura a resposta para uma misteriosa ligação entre o pai que perdeu recentemente, um mal-humorado dono duma loja de brinquedos que vive por baixo dele e uma fechadura em forma de coração, aparentemente sem chave.

A história vai-se desenvolvendo com a ajuda do 3D, que por vezes parece não ter grande importância no desenrolar dela mas por outras vezes é bem importante para o seu desencadear.

Apesar deste filme não ser o melhor entre a cinematografia de Scorsese, é um filme bem interessante para adultos e crianças.

O filme que já tinha valido a Scorsese o Globo de Ouro de melhor realizador, liderava, à partida, a lista das nomeações dos Óscares e acabou por vencer nas categorias técnicas.



clássicos

O Meu Tio

Depois de fazer uma homenagem aos encantos provincianos em “As férias do Senhor Hulot” - filme que já aqui falámos - Jacques Tati regressa à sátira da mania da mecanização, que ameaça os estilos de vida pacatos de outrora. A eterna figura cinematográfica de Tati, o desengonçado Senhor Hulot, vive numa velha e degradada casa de Paris. Não muito longe, numa vivenda moderna e cheia de engenhocas, vivem a irmã e o cunhado. Como seria de esperar, os ditos engenhos da casa da família Arpel funcionam mal, sobretudo quando Hulot está por perto. Como é habitual em Tati, neste filme

o humor é completamente visual e audível. O realizador volta a divertir-se a mostrar como a automação, supostamente destinada a melhorar a qualidade de vida das pessoas, é inimiga do conforto, da descontração e do prazer, e volta a privilegiar o elemento humano através da calamidade ambulante que é o Senhor Hulot. Um filme onde prevalece um otimismo nostálgico.

Título original: Mon Oncle
De: Jacques Tati
Com: Jean-Pierre Zola, Adrienne Servantie, Lucien Frégis, Betty Schneider
Género: Comédia
Classificação: M/12
França, 1958, 110min

Março está recheado de boas propostas musicais. Entre concertos clássicos ou modernos e bailados, a diversidade é imensa e a qualidade não envergonha ninguém



James Morrison

Dia 27 de Março às 21h no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

O britânico James Morrison vem a Portugal para apresentar o mais recente trabalho, “The Awakening”, que entrou para o primeiro lugar do top de vendas no Reino Unido. Com apenas 21 anos, James Morrison saltou para o estrelato mundial com o álbum de estreia, “Undiscovered” (2006), que alcançou o primeiro lugar de vários tops em todo o mundo. Um grande concerto a não perder.



Concerto por um novo futuro

Dia 10 às 22h no Campo Pequeno

CONCERTO

A solidariedade regressa ao Campo Pequeno num concerto que juntará algumas das maiores vozes do fado a nomes de referência da música nacional. Ana Moura, Deolinda, Clã, Luísa Sobral, António Zambujo, Anaquim e Cuca Roseta terão a tarefa de cantar para ajudar a proporcionar melhores condições de vida a dezenas de crianças apoiadas pela Associação Novo Futuro. Uma noite cheia de canções e sorrisos.



Dose Dupla

Dias 8, 15 e 29 no CCB

JAZZ

Dia 8, Ricardo Pinto e Daniel Hewson trazem ao Dose Dupla a sua cumplicidade musical e uma mão cheia de temas originais. Dia 15, é a vez de Rita Martins, uma das vozes mais promissoras da nova geração do jazz, ao lado do pianista italiano Giacomo Aula. Dia 29, mais dois expoentes: Afonso Pais, um dos mais reputados guitarristas nacionais, e Tim Sparks, conceituado músico norte-americano.



Giselle

Dia 31 de Março às 21h30 no Teatro Tivoli

BAILADO

Este bailado em dois atos constitui uma das maiores obras-primas do ballet romântico. Adolphe Adam marcou uma página na sua carreira com a criação desta peça, sobre o libreto de Jules-Henri Vernoy de Saint-Georges e Théophile Gautier. Estreada em Paris em 1841, a personagem Giselle é apreciada pelas grandes bailarinas face ao elevado grau de exigência da sua interpretação.



Concertos em março

por António Cabral

Este é um mês muito rico em concertos. Deles só escolhemos uma parte. Aconselhamos a consulta dos sites para outras opções de interesses diversos.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

www.musica.gulbenkian.pt

2/3, às 19h, e 3/3, às 16h (Grande Auditório)

“Bastien e Bastienne”, ópera em um ato de W. A. Mozart, composta quando tinha 9 anos. É claro que deve ter tido ajudas várias mas a deliciosa música é já Mozart. Um concerto para toda a família (iniciando as crianças no compositor).

15/3, às 21h, e 16/3, às 19h (Grande Auditório)

“Joana d’Arc na fogueira”, cantata de Arthur Honegger (1892-1955)

29/3, às 21h, e 31/3, às 19h (Grande Auditório)

“Paixão segundo S. João” de Johann Sebastian Bach

Estes concertos corais sinfónicos, com solistas de qualidade, coro e orquestra Gulbenkian, merecem menção especial pela excelência das obras e os meios que as interpretam. No Honegger a declamação estará a cargo da atriz Fanny Ardent.

20/3, às 21h (Grande Auditório)

Freiburger Barockorchester, Dir. Pablo Heras-Casado, Kristian Bezuidenhout (pianoforte) em obras como as sinfonias nº 4 de Schubert, Mendelssohn e introdução a Allegro Apassionato para piano e orquestra de Schumann.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

www.ccb.pt

1/3, às 21h (Pequeno Auditório)

O pianista russo Kovacevich interpreta as bagatelas nº 1,2,5 e 6 e a sonata nº 31, op. 110 de Beethoven e também a sonata D906 de Schubert. Obras da plena maturidade dos dois compositores.

31/3, às 21h (Grande Auditório)

Concerto da Orquestra Metropolitana de Lisboa; Dir. James Judd; Pavel Gomziakov (violoncelo). No programa a Flauta Mágica de W.A.Mozart, a sinfonia nº 1 de Anton Bruckner e o concerto de violoncelo de Lopes Graça (dedicado a Rostropovitch), talvez a obra deste compositor português mais interpretada (porque tem merecimento, naturalmente)

25/3, às 16h (Grande Auditório)

Cerca de 300 jovens músicos da Academia de Música de Lisboa e dos Violoncelinhos, com idades compreendidas entre os 3 e os 17 anos, demonstram, com os seus instrumentos, a alegria na partilha da música. São os Violinhos e convidados.

TEATRO DE SÃO CARLOS

www.saocarlos.pt

23/3, às 20h e 24/3, às 16h (Salão Nobre)

Ópera de Marcos Portugal “O Basculho da Chaminé” (O Limpa Chaminés). Consultar o texto sobre o compositor na página de opinião.

5, 12, 14, 19 e 24/3 às 18h (Foyer)

Concertos com a música de câmara dos melhores compositores portugueses, temperada com autores estrangeiros. Intérpretes nacionais (o que é nacional também é bom). Entrada gratuita.

Este mês, a variedade de mostras de arte patentes em Lisboa é impressionante. São muitas e, sobretudo, boas as opções a este nível. Deixe-se contagiar pela riqueza de uma galeria

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Fernando Pessoa, plural como o universo

Até 30 de Abril

Esta exposição, dedicada a Fernando Pessoa, pretende mostrar toda a multiplicidade da obra do poeta português, conduzindo o visitante numa viagem pelo seu universo, para que leia, veja, sinta e ouça a materialidade das suas palavras. Na mostra há um espaço de poemas, textos, documentos, fotografias e pinturas, onde se incluem raridades como a primeira edição do livro “Mensagem”, com uma dedicatória escrita pelo autor. Nascida de uma colaboração entre a Fundação Roberto Marinho e o Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, no Brasil, e a Fundação Gulbenkian, a exposição “Fernando Pessoa, Plural como o Universo” apresenta o ortónimo e os quatro mais importantes heterónimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Bernardo Soares, com documentos inéditos, filmes, poemas ditos, livros para folhear e alguns objetos nunca antes expostos em Portugal.



CASA DA CERCA

A Magia da Polaroid

Até dia 29 de Abril

Constituída por uma surpreendente coleção de sessenta modelos de máquinas fotográficas instantâneas Polaroid, de 1948 até 2010, esta exposição celebra a memória da popularização da fotografia instantânea e do seu inventor Edwin Herbert Land, fundador da Polaroid Corporation. A constituição da empresa é também contemporânea do nascimento do design industrial nos EUA, sendo possível reconstruir este momento através de um percurso pelas máquinas fotográficas e documentos da época apresentados na exposição. Os primeiros exemplares expostos foram concebidos por Walter Dorwin Teague, Henry Dreyfuss e Albrecht Goertz. Já os últimos modelos, também representativos do design de produto contemporâneo deste país, foram concebidos pelo inovador gabinete IDEO. A exposição marca também os 75 anos da fundação da Polaroid Corporation. Uma oportunidade única para apreciar tão extraordinários exemplares.

PALÁCIO DE MONSERRATE

Camilla Watson: Mistérios de Monserrate

Até 25 de Março

Esta exposição integra fotografias captadas por Camilla Watson no Parque de Monserrate. As imagens expostas foram impressas em papel de algodão e algumas fotografias impressas diretamente sobre madeira marítima. Com imagens a preto e branco, as fotografias apresentadas revelam um olhar diferente sobre a beleza e a magia de Monserrate. A fotógrafa utiliza uma emulsão fotográfica gelatinosa, rica em prata, que começa por liquidificar em banho-maria. Este líquido é aplicado a pincel, no escuro, sobre a superfície escolhida: mosaico, madeira, parede, ou simplesmente papel. Após secagem com um ampliador ou um projetor de slides (para superfícies maiores) expõe a superfície a um negativo preto e branco. O trabalho desta fotógrafa distingue-se pela experimentação de novos suportes e pela utilização de uma câmara escura móvel que ela mesma desenhou.



MUSEU BORDALO PINHEIRO

Bicharada, cerâmica contemporânea de Teresa Cortez

Até 20 de Maio

Esta exposição monográfica apresenta uma abordagem à obra cerâmica de Teresa Cortez, através da temática dos animais, que é transversal no seu trabalho. Potes, esculturas de pequenas dimensões, placas cerâmicas, pratos, azulejos individuais e em painel, partilham a criação de uma quinta poética interior, habitada por histórias (re)inventadas, que ocupam o piso térreo da Galeria de Exposições Temporárias do Museu Bordalo Pinheiro. Parte significativa do seu trabalho cerâmico é a concepção de painéis de azulejos pintados, por vezes modelados ou relevados, que foram integrados em projectos de arquitectura. Sendo Lisboa um local privilegiado, estudos e projectos para a sua realização são apresentados no piso superior da Galeria, onde se pode ver a projecção de imagens de alguns dos painéis na cidade.

LÁFORA

Porque os homens desaparecem mas a obra fica, se tiver oportunidade, passe por uma das galerias que lhe sugerimos e aprecie o que de melhor se faz na arte



Grand Palais, Paris

Art Paris Art Fair

De 29 de Março a 1 de Abril

A feira de arte moderna e contemporânea, Art Paris, rebatizada este ano de Art Paris Art Fair, concentra-se na promoção da arte europeia, dando especial atenção às correntes históricas dos últimos 30 anos. Favorecendo toda uma envolvente artística, a feira acolhe 120 galerias de 15 países e atrai mais de 48 mil visitantes, profissionais e amadores. Vários cursos, conferências, novas temáticas e uma apresentação de peças monumentais fazem da Art Fair Art Paris um evento de passagem obrigatória.

Centro Pompidou, Paris

Dançar a vida

Até 2 de Abril

Esta é uma exposição sem precedentes que liga as artes visuais e a dança, de 1900 até hoje. Mais de dois mil metros quadrados de exposição apresentam obras de figuras artísticas do século XX, os fundadores do movimento moderno, bem como de artistas e bailarinos contemporâneos. Através de uma jornada em três atos, assistimos a um diálogo entre as disciplinas das artes visuais e da coreografia numa grande seleção de pinturas, esculturas, instalações e obras coreográficas.



Tate Britain, Londres

Picasso e a arte britânica moderna

Até 15 de Julho

Picasso continua a ser uma das figuras mais importantes do século XX, um génio que mudou a face da arte moderna. Desta vez é a Tate Britain que lhe presta homenagem numa exposição que explora a influência que imprimiu na arte britânica. Mais de 150 obras, com mais de 60 peças de Picasso, numa rara oportunidade de ver obras célebres do artista e de sete dos seus seguidores britânicos: Duncan Grant, Wyndham Lewis, Ben Nicholson, Henry Moore, Francis Bacon, Graham Sutherland e David Hockney. Um deleite!

PORTO

Festeje a Primavera, o Dia Mundial do Teatro, o Dia Nacional dos Centros Históricos e dance o tango num mercado... Tudo isto no Porto, claro! Por Maria João Duarte

Música

COLISEU: “Valete” (9), “Leslie Feist” (19), LMFAO (21), “Glenn Miller Orchestra and The Irrisistables” (22), “Reggae Blast” com “Dub Inc” (24), “James Morrison+Mia Rose” (28), “Vitor Ramil” (29), **CASA DA MÚSICA:** “HARMOS Festival” (13 a 18); “Nascer da Lua” (17); “Fantasia Escocesa” (23); “Ensemble Intercontemporain” de e com P.Boulez (24); “Carmina Burana” (27); “Piano Enfeitado” (30); “Marie Warnant” (22); “Mónica Ferraz” (28); “Vitor Ramil” (29). **TEATRO HELENA SÁ E COSTA:** “Duo Montagnard”, guitarra e saxofone (30). **CASA DO INFANTE** “Jazz com Rui Caetano Trio” (24). Organizado pela C.Municipal: “RECITAIS DE MÚSICA”, com a colaboração do curso de música Silva Monteiro na **QUINTA DE BONJÓIA** (10), **PALACETE DE VISCONDES DE BALSEMÃ** (17) e **MUSEU ROMÂNTICO** (24), entrada gratuita às 17h30.

À descoberta do Porto

No coração do Porto, o então chamado Teatro Nacional foi inaugurado em 1913, com pompa e circunstância. Mudanças profundas na baixa portuense obrigaram a repensar o edifício, dando origem ao Cine-Teatro Rivoli, projetado entre 1929 e 1932 pelo Eng. e Arq. Júlio José de Brito e inaugurado em 1941. Propriedade da Câmara desde 1989, é objeto em 1992 de um projeto de recuperação. Reabre em 1997 como centro multi-funcional cultural e social, com cafés, restaurante, zonas de estar e um café-bar com música ao vivo aos fins de semana. Em exibição: filmes vários e as peças “O cerco a Leningrado” (27 a 1 abr) e “Os 39 Degraus” (8 a 7 abr).

Exposições

SERRALVES: “Walls to the people”, instalação de J.P.Feliciano; “Locus solus”, com R.Roussel. **CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA:** “Ecuridão Habitada” do mexicano M.A.Cruz (até 18); “João Silva- Afegani-stão”, imagens em cenário de guerra.

Teatro

No Dia Mundial do Teatro (27) no **TNSJ** há fórum de discussão sobre o Teatro do Porto. **TEATRO HELENA SÁ E COSTA:** “Euroclassic” (27a31); “A bailarina vai às compras” de J.Sampaio e Q.Cadaval pelo ENTRETanto Teatro, coordenação Mª do Céu Guerra (16 a 24). **TNSJ:** “ALMA” Nuno Carinhas retoma Gil Vicente (até 1 abr); em paralelo 2 conferências “Estados d’Alma” (17e24). “Juramentos Indiscretos”, comédia em 5 atos de Marivaux encenada por J. Peixoto (8 a 18). **MOSTEIRO S.BENTO DA VITÓRIA:** “Esta é a Minha Cidade” e “Eu Quero Viver Nela”, pelo Teatro do Vestido de Lisboa (27 a 30).

E ainda...

SERRALVES: “O Sabor do Cinema”, filmes de todos os géneros (11, 25 e 1 abr - grátis); “Do gosto pela cidade e pela arquitetura”, curso com Mel.Graça Dias (2 Mar a 4 Maio). **JARDINS e GALERIA DO PALÁCIO DE CRISTAL:** “Exposição de Camélias” (10 e 11 - grátis). Últimos sábados de cada mês tango “Milonga” no **MERCADO FERREIRA BORGES** (31). Dia Nacional dos Centros Históricos (31) no **MUSEU DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES** exposição “Metamorfose de um Lugar”. **TEATRO DA VILARINHA:** “Um percurso pelo teatro” visita guiada por um ator ao outro lado do palco (12 a 23)

O jornalismo entra constantemente nas nossas vidas mas é um mundo à parte para a maioria das pessoas. As dificuldades e os riscos inerentes à profissão são premissas destes livros. Por Cátia Teixeira



Tom Rachman

Os Imperfeccionistas

Mais do que um romance, este primeiro livro de Tom Rachman é um conjunto de histórias que se complementam e por vezes chegam a entrelaçar-se. Tudo de passa na redação de um jornal de língua inglesa, em Roma, a meio do século passado, cujo proprietário é um americano com características de tudo menos de um homem normal. Fala-se do dia-a-dia do jornal e da sua evolução, com a era digital à vista; fala-se da vida de alguns dos seus jornalistas; fala-se da cidade que serve de cenário a tudo isto.

Tem momentos surpreendentes, que culminam com toda a verdade sobre o fundador do jornal. É uma verdadeira teia de histórias, que prende os leitores até à última página; pode imaginar-se de uma forma clara o funcionamento de um jornal naquela altura, bem como algumas das suas especificidades. E conclui-se que, afinal, os jornalistas também são seres humanos, que têm vida própria, que têm sentimentos e cometem erros.



Os imperfeccionistas

Tom Rachman
Editorial Presença, 2011



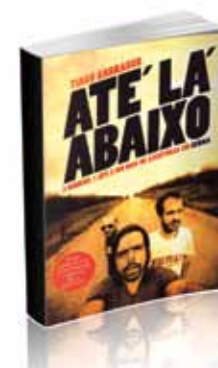
Tiago Carrasco

Até lá Abaixo

Quando três amigos sem grandes perspectivas na área da comunicação social resolveram sair de Lisboa, atravessando África até Joanesburgo, com o pretexto de chegar ao destino a tempo do início do Campeonato do Mundo de futebol, não faziam ideia do que os esperava. Partiram quase sem dinheiro no bolso, já que o único apoio financeiro que receberam foi o de um jornal desportivo, que lhes pagava 60 euros por dia a troco de reportagens semanais. Mas estavam dispostos a fazer 30 mil quilómetros e atravessar 21 países em apenas cinco meses.

Animados pela vontade de chegar ao fim, rapidamente perceberam que eram muitos os fatores que podiam impedir o seu sucesso. Não tinham as condições mínimas de alimentação ou alojamento, os conhecimentos de mecânica ou de primeiros socorros eram nulos; juntando a tudo isto, era preciso contar com as doenças e a corrupção, bem típicas de África.

O resultado é um livro de aventuras, fascinante, que nos leva a recantos tão belos quanto perigosos do mais inexplorado de todos os continentes.



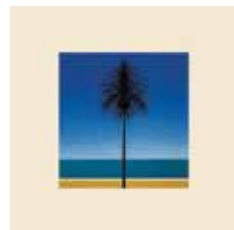
Até lá Abaixo

Tiago Carrasco
Oficina do Livro, 2011

Este mês, Charles Monteiro sugere três álbuns musicais recentes para que não deixe de estar atualizado. Lugar também para uma homenagem a um dos maiores compositores de ópera portugueses

Álbuns da minha vida

CHARLES MONTEIRO



Bon Iver, Metronomy e James Blake

O melhor de 2011

A música, invisível e generosa companhia, foi próspera no ano de 2011, com excelentes projetos musicais dos mais variados estilos a serem lançados. De uma imensa lista de inegável qualidade para todos os gostos, deixo neste espaço três distintas sugestões que se destacaram no ano transposto.

Nascido nos anos 90 das influências do indie rock e folk, o indie folk alcançou a sua maturidade em 2011, elevando ao Olimpo musical Bon Iver. Com o 2º álbum de estúdio (homónimo), “Bon Iver” faz-nos palmilhar por uma deslumbrante viagem, iluminando o caminho pelo nevoeiro do Inverno com uma sonoridade brilhante e singular. Durante 40 minutos somos levados para um cenário surreal onde, percorrendo diferentes locais e imagens, ligados entre si pelas palavras e música, tentamos aprender algo de nós próprios e extrair alguma clarividência. Para Bon Iver, esta viagem teve como última paragem o prémio de melhor álbum alternativo de 2011 nos prestigiados Grammy Awards.

O ano de 2011 também foi feliz para o indie pop. Sob esta insígnia, “The English Riviera” dos Metronomy atingiu um merecidíssimo lugar ao sol. No 3º álbum de estúdio, os Metronomy regressam às origens, com uma sonoridade nostálgica, relaxante e que transpira tranquilidade. Ao longo do álbum somos envolvidos num imaginário calmo e sonhador, emergindo um ambiente pastoril/beira-mar, onde o tempo passa devagar e as preocupações ficam para último plano. Os quadros que pinta, os sons que sussurra, as sensações que transmite fazem-nos querer fugir para esse mundo de sonho onde somos felizes. Este álbum, nomeado para o Mercury Prize, agradeceu os Metronomy com um novo look.

De um simples quarto, local de maior singularidade e intimidade para cada um de nós, James Blake ouve e aprende, corta e remistura, experimenta e sonha, criando algo mais que a soma das partes, algo genuinamente original e novo. Com influências tão variadas que vão desde o gospel até ao dubstep, passando pelo electro e gospel, surgiu “James Blake” (homónimo) e um novo estilo musical - post-dubstep. Ao longo das 11 faixas a voz lúcida e repetitiva, a musicalidade minimalista e o silêncio permanente fundem-se produzindo uma atmosfera única, com um conteúdo imenso que transparece a cada nova audição. Uma mescla de sentimentos, formando uma enorme massa de emoção. Também nomeado para o Mercury Prize, “James Blake” ficará no mais alto pedestal da história musical, semente de uma nova era.

Um compositor da minha vida

ANTÓNIO CABRAL



Marcos Portugal (1762-1830)

A propósito da apresentação, este mês, no São Carlos, da sua ópera “O Limpa Chaminés” falo-vos do compositor de ópera português com maior projeção no país e no estrangeiro, Marcos Portugal. Foi pensionista régio em Itália desde 1792 tendo já, anteriormente, no seu curriculum, a direção do Teatro do Salitre onde estreada obras da sua autoria. Esteve oito anos em Itália onde compôs e apresentou 21 óperas. Há notícia que algumas passaram para lá de Itália, com récitas na Alemanha e na Rússia. Voltou célebre a Portugal, no início do século XIX, para ocupar os cargos de regente da Capela Real e diretor do Teatro de São Carlos. Compôs para o Real Teatro várias óperas sobre libretos italianos entre as quais “La morte de Semiramide” onde se estreou uma cantora célebre na época, Angelica Catalani, que depois viria a ser a protagonista em mais dez óperas de Marcos Portugal, talvez por consequência da intimidade das suas relações. Ao longo da vida compôs, segundo alguns autores, 86 óperas; segundo outros 21 óperas sérias italianas, 14 burletas e farsas italianas e 15 entremeses, burletas e farsas em português. Muitas delas correram mundo: Nápoles, Florença, Parma, Milão, Veneza, Verona, Dresden, Viena, Madrid, Hamburgo, Paris, Londres, S.Petersburgo, Rio de Janeiro. Centenas (ou milhares) de representações. Marcos Portugal não apresentou no São Carlos só obras suas mas também de autores italianos, “Orfeu” de Gluck e “Clemenza de Tito” de Mozart. As relações com a corte não o impediram de, em 1808, após a partida do Rei para o Brasil, ter apresentado a ópera “Demofoonte”, no aniversário natalício de Napoleão, em récita para o invasor Junot, o novo poder. Mas, novo volte face. Após a derrota dos franceses colabora, em 1809, na realização de um Te Deum comemorativo da vitória anglo-portuguesa, a que se segue a apresentação, no São Carlos, de uma cantata para celebrar o aniversário natalício de D. João VI. Reaproxima-se assim da corte portuguesa e chega ao Brasil em 1811 sendo novamente nomeado mestre da Capela Real e diretor da música da corte. É ainda uma ópera sua, “O Juramento dos Nomes”, que inaugura o Real Teatro de S. João, no Brasil, com lotação para 1600 lugares. A família Real voltou a Portugal em 1821. Marcos Portugal ficou no Brasil. Os últimos nove anos foram de sofrimento moral e cívico. Morreu lá.

Marcos Portugal não foi, no domínio da ópera, um Mozart ou um Rossini, mas é indubitavelmente, no género, o nosso maior compositor.



**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. JOSÉ FORJAZ**

**CASA JOÃO HONWANA
PONTA DO OURO, MOÇAMBIQUE**